

2009

n. 09 - 10/ setembro-outubro

**dma**

da mihi animas

**REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA**



**Abertas à história**



da mihi animas  
**Revista das Filhas de Maria Auxiliadora**

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM  
tel. 06/87.274.1  
fax 06/87.13.23.06  
e-mail: dmariv2@cgfma.org

**Diretora responsável**  
Mariagrazia Curti

**Redação**  
Giuseppina Teruggi  
Anna Rita Cristaino

**Colaboradoras**

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eyllenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti – Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Roces – Maria Rossi.

**Tradutoras**

*francês* – Anne Marie Baud  
*japonês* - inspetoria japonesa  
*inglês* - Louise Passero  
*polonês* - Janina Stankiewicz  
*português* – Maria Aparecida Nunes  
*espanhol* - Amparo Contreras Alvarez  
*alemão* - inspetorias austríaca e alemã

**EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL**

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 3/4 marzo-aprile 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

**Tradução do original Italiano para a Língua Portuguesa**  
***n. 09-10\_ setembro-outubro\_2009***

# Sumário

EDITORIAL	<i>Presente de um futuro</i>	4
DOSSIÊ	<i>Abertas à história de ontem e de hoje</i>	5
<i>Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos</i>		
AS MULHERES NA PALAVRA	<i>Transformadas pelo amor</i>	9
VIDA CONSAGRADA E...	<i>Mobilidade humana</i>	10
ECUMENISMO	<i>O espírito de Assis</i>	12
FIO DE ARIADNE	<i>A própria história: um problema ou um recurso?</i>	13
<i>Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos</i>		
COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	<i>Microcrédito na América Latina</i>	17
PASTORALMENTE	<i>Os jovens e a pluripertença</i>	18
POLIS	<i>Reflexões e propostas defronte à emergência educativa</i>	20
<i>Comunicação: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia</i>		
JOVENS.COM	<i>Rádio on-line</i>	22
ESTANTE SITES	<i>Resenha sites Web</i>	24
VÍDEO	<i>A Onda</i>	25
ESTANTE	<i>Resenha de vídeos e livros</i>	26
LIVRO	<i>A fadiga da luz</i>	28
CAMILLA	<i>É tempo de reavivar o fogo</i>	30

## Presente de um futuro

*Giuseppina Teruggi*

Os jovens, em geral, tendem mais a olhar para o que deve vir do que para o passado, mesmo se por medo do futuro escolhem às vezes ignorá-lo e vivem concentrados no presente. Mas percebem, seja como for, o impulso para a frente. Dizer “fez-se sempre assim” suscita rejeição porque revela imobilismo e é interpretado como tentativa de barrar o novo e toda expressão de criatividade.

No entanto não podemos dispensar o passado porque “a memória é fonte de identidade para o hoje; memória e indentidade conjugadas, são abertura e garantia de futuro”. Sendo assim, é fundamental para nós olhar o passado na perspectiva de futuro. Não com a saudade do *sempre foi feito* ou com a segurança que daí deriva, mas como “desafio à fidelidade no hoje”, como “convite a declinar, segundo as exigências atuais,” uma paixão educativa que levou tantas irmãs a serem resposta ao grito dos jovens.

Em setembro de 2008, foi apresentado por Ir. Grazia Loparco ao Capítulo que estava apenas começando, um relatório sobre o tema: *Sinais do amor preveniente na história das FMA*. Interessantes algumas considerações iniciais desenvolvidas ao redor da idéia do *presente de um futuro*: “A história nos mostra que as coisas não devem ser necessariamente aquilo que são, e que ela pode abrir-se a um futuro inesperado. [...] A história nos introduz numa comunidade mais ampla daquela em que vivemos hoje. Descobrimos ser membros da comunidade dos santos e da comunidade dos nossos antepassados. Confrontamos nossas percepções com o testemunho deles, e eles nos convidam a uma visão mais ampla da que poderíamos ter nos estreitos limites do nosso tempo”.

O impacto causado pelo relatório foi tão convincente, que da assembléia capitular nasceu a decisão de formar um grupo internacional para favorecer a busca, a documentação, o estudo da história do Instituto. Concretizou-se posteriormente na *Programação do sexênio* em que, entre outras coisas, convida-se a “promover na comunidade inspetorial, a volta às raízes carismáticas com um conhecimento adequado dos Fundadores e do Patrono do Instituto que desperte a paixão por Cristo e pelas/pelos jovens e reavive a consciência de Maria em nossa missão” (*Programação do Conselho geral 2.1*).

À pergunta feita recentemente ao card. Carlo Maria Martini: “Como os adultos deveriam comportar-se com os jovens para poder transmitir o cristianismo e fazê-lo florescer?”, a resposta foi esta: “Entregue aos seus filhos um mundo que não esteja arruinado. Faça com que estejam radicados na tradição, sobretudo na Bíblia. Leia a Bíblia com eles. Tenha profunda confiança nos jovens, eles resolverão os problemas. Não esquecer também de lhes dar limites. Aprenderão a suportar dificuldades e injúrias se para eles a justiça for mais importante que qualquer outra coisa” (*Diálogos Noturnos em Jerusalém 2009*).

## Abertas à história de ontem e de hoje

*Mara Borsi e Anna Mariani*

**A abertura e a disponibilidade para deixar-se guiar pelo Espírito Santo permitem ler a macro e a micro-história como evento de salvação, lugar de revelação de Deus, possibilidade de profecia e de resposta ao mundo contemporâneo.**

**Ler os eventos de ontem, para redescobrir a audácia missionária do da mihi animas, e ligá-los aos de hoje permite superar o risco de que as dificuldades na gestão das obras sufoquem a força do carisma.**

O CG22 orientou pessoas e comunidades a deixar-se guiar com maior consciência e disponibilidade pelo Espírito Santo, verdadeiro Mestre interior, e a empreender novos caminhos de evangelização na companhia de Maria, a mãe, que infunde coragem e acompanha no caminho nem sempre fácil do anúncio do evangelho.

Auxiliadora, mestra, educadora, mulher do Magnificat, ela é a presença que em cada época solicita do Instituto a realização de novas ações que respondam às necessidades dos jovens na caminhada da Igreja.

### O Espírito e Maria

Maria, a virgem mãe de Jesus, é a mulher crente que – envolvida pela sombra do Espírito – abre-se ao dom da salvação definitiva, inaugurado pelo seu Filho. É a humilde serva do Senhor, a “filha de Sião”, que se coloca na história de seu povo, Israel, que, a partir do êxodo e de sua caminhada pelo deserto, faz experiência da ação poderosa de Deus. Na escola do Espírito e de Maria somos chamadas, como pessoas e como comunidades, a fazer memória para projetar o futuro, para perscrutar e ler o passado e o presente com o coração vivificado pelo Espírito porque a memória é fonte de identidade para o hoje e, memória e identidade conjugadas constituem abertura e garantia de futuro. Por isso é importante equiparar-nos com homens e mulheres que viveram esta mesma paixão – a educação evangelizadora dos jovens – para poder criativamente viver hoje a mesma experiência de amor e de dedicação à consagração e missão salesianas.

### Por que perscrutar a história?

Pedimos à Ir. Grazia Loparco, docente da Pontifícia Faculdade Auxilium, para responder a algumas perguntas e assim, ajudar-nos a consolidar a convicção de que não podemos falar de salvação aos jovens sem história. Se a ausência da história é fatal para a sociedade, ela se torna fatal para a comunidade eclesial porque sem as tradições até mesmo o sentido de Igreja se extingue.

***DMA:*** *O que significa para você perscrutar a história, o que este compromisso acrescenta à sua vida?*

A atenção à dimensão histórica ajudou-me a me situar no Instituto e na história da Igreja. Ela me permite ser realista e vencer o idealismo que arrisca criar uma cisão entre a imagem que fazemos do passado, o que na realidade foi vivido pela Congregação e o que vivemos atualmente. Mergulhar no trabalho das gerações, nas biografias feitas de escolhas audazes, mas não livres de condicionamentos externos e internos às comunidades e aos relacionamentos, levou-me a reconsiderar a minha vida, a vocação salesiana, a exigência de manter vivo o entusiasmo educativo, que requer contínua avaliação e criatividade.

O confronto com outras experiências estimula a aperfeiçoar a própria humanidade, a enriquecê-la com os significados pelos quais outras irmãs se sentiram dispostas a enfrentar sacrifícios e talvez incompreensões. Os valores da vida salesiana têm grandezas que superam o contexto. Sendo assim, a possibilidade de confrontar-se com a história é oportunidade preciosa para acolher

elementos que reforçam as motivações para a ação. Também as escolhas que ao longo do tempo podem ter pesado no testemunho educativo, lidas no seu contexto, ajudaram-me a compreender que hoje sentimos algum peso do legado, sem saber identificar a origem. A meu ver é exatamente a informação que pode ajudar a esclarecer alguns costumes, captando o seu sentido e o valor que veiculam, mas também, se necessário, mudando as suas formas.

A atenção ao passado nos desafia à fidelidade ao hoje dos jovens. Se for bem entendida, não é absolutamente fixação na saudade “dos bons tempos”, mas ao invés convite a declinar segundo as exigências atuais a mesma paixão educativa que fez muitas das nossas irmãs capazes de “acontecer” na educação de muitas jovens. Qual era o segredo do seu sucesso? O contato com o que foi vivido, interrogado com nossas perguntas, ajudou-me a colher alguns elementos de valor sobre os quais as vidas se regiam e floresciam, não se arrastavam.

**DMA:** *Há uma relação entre a vida cotidiana e a história do Instituto?*

Há uma relação estrita entre a vida cotidiana de cada FMA e a história do Instituto. Cada uma de nós entrou em uma comunidade inspetorial já constituída, com costumes, modalidades específicas de inserção no território e nas exigências educativas do contexto.

Com que olhos uma comunidade lê as urgências educativas? Com que critérios encara as novas exigências? O confronto com as motivações que sustentaram outras gerações, outras irmãs que deram sua contribuição vital, ajuda a viver com paixão a vida cotidiana. Ajuda também a não restringir-se ao local, a interesses privados. É certo que a nossa vocação é pessoal, mas não individual, sendo assim a história do Instituto nos desafia a uma responsabilidade que nos ultrapassa. Cada uma deve ter consciência de que contribui positivamente para manter vivo o carisma salesiano ou negativamente para fazê-lo enfraquecer, desaparecer. O acesso à história do Instituto não pode limitar-se ao estudo dos documentos dos atos dos capítulos, das constituições, das cartas circulares. É importante ter presente que nas crônicas locais, nas biografias pessoais, pode-se colher ou não a tradução real das deliberações pensadas em uma assembleia ou das linhas orientadoras de governo. A história não é feita só a partir das fontes oficiais, embora essenciais para compreender o projeto, o “dever ser”. Ocorre cruzar as orientações com as fontes da vida cotidiana, para colher delas a riqueza, a variedade e também as misérias, os condicionamentos, os limites. É nesta história real que se encarna o carisma e em definitivo a salvação, então ocorre viver e documentar para poder escrever a história salesiana. É um ato de amor pelas nossas irmãs, por aqueles que virão depois de nós e interrogarão a nossa geração, para saber que significados, ideais e valores impulsionaram as nossas escolhas visíveis, pessoais e comunitárias em um determinado contexto, que não é mais aquele de trinta anos atrás.

**DMA:** *Você poderia dar-nos um exemplo de como as FMA souberam responder a alguma emergência?*

Uma busca ainda inicial está trazendo à luz importantes páginas da história do Instituto. Durante a segunda guerra mundial, vários Países nos quais estavam presentes as FMA foram diretamente tocados pelo conflito, outros sofreram suas consequências. Geralmente pode-se dizer, que Madre Linda Lucotti e seu conselho orientavam as irmãs para uma generosa dedicação à “hora da caridade”, sem limites e barreiras. Isto exigiu modificar algumas vezes as atividades, os ritmos e os costumes da comunidade religiosa. Induziu a alargar a mentalidade para esconder famílias de clandestinos por motivos políticos, refratários ao projeto, hebreus; para acolher desalojados, órfãos, refugiados; para prolongar as horas escolares, estimular o “reforço escolar” e não deixar as meninas pela rua enquanto as mães estavam no trabalho ou na fila para retirar o alimento. Em Roma, Nápoles, Palermo houve um empenho notável em favor das “meninas de rua”, as irmãzinhas dos *engraxates*. Diversas casas sofreram bombardeios, requisições. Algumas irmãs foram requisitadas como enfermeiras nos hospitais militares.

Percebe-se a generosidade de muitas, mas também a dificuldade de outras para fazer os ulteriores sacrifícios que a guerra impunha a todos. No entanto há episódios empolgantes de irmãs que saíram em busca de subvenções, locais, ajudas econômicas para auxiliar e alimentar os pobres. E com muita desenvoltura para obter o necessário, mesmo quando não tinham os meios. Demonstraram-se à altura da situação aquelas irmãs não fizeram a contabilidade contando apenas

com os recursos ou com o que podiam despende, mas que se "industrializaram" para criar condições de ajuda, envolvendo nas iniciativas de solidariedade, as crianças, as famílias, as ex-alunas.

Lendo alguns depoimentos vem à mente como seria útil a cada FMA conhecer estas figuras, para saber em que família trabalha e gasta a sua vida.

Parece-me que estas experiências, chegadas até nós sem retórica nem arrogância, mas com o frescor de uma carta, de um relatório, constituem um dom excelente para ancorar-nos nas raízes vitais que fizeram prosperar o Instituto em benefício de muitos jovens, uma entrega inquietante e incentivadora para o presente e o futuro, para penetrar a densidade do cotidiano que algumas vezes, no momento imediato, nos parece fosco. Um grande amor pode levedá-lo. Exatamente o de hoje.

### **Sem varinha mágica**

Quando Jesus veio ao mundo não usou a varinha mágica, realizou sinais milagrosos, mas respeitou a liberdade humana e se inseriu na sociedade de seu tempo para ensinar novos valores com os quais orientar a vida para a verdadeira liberdade. Jesus não entrou no mundo acompanhado pelos anjos. Nasce pobre, é acolhido apenas pelos pastores. Jesus entra na história da humanidade escolhendo o tipo de vida das pessoas que não têm história, uma vida simples, não miserável, mas pobre, em uma zona pobre da Palestina. Em Nazaré passa trinta anos sem manifestar suas qualidades divinas. A encarnação de Jesus, não consiste apenas no seu nascimento e desenvolvimento como homem, mas em ser o portador de uma novidade de valores e de vida.

Em muitos contextos em que estamos presentes construímos com o povo a micro-história de comunidades locais que não gozam dos refletores da notoriedade e do sucesso, mas que com sua fé confiante, tenacidade, esperança e amor conseguem melhorar a qualidade de vida.

Pedimos à Ir. Laura Gaeta, missionária há mais de vinte anos na África, para partilhar conosco de que modo a sua micro-história se enlaçou com a do povo que a acolheu no Gabon.

**DMA:** *Como você fez para comunicar a história do Carisma salesiano no contexto em que se inseriu?*

Em 1987 quando cheguei ao Gabon, mais precisamente à cidade rural de Oyem, a pequena comunidade FMA estava na primeiríssima fase de fundação. Assim foi espontâneo colocar-me com as outras irmãs em atitude de descoberta, de escuta e de discernimento para compreender que feição dar à missão e que estratégia colocar em prática para evangelizar e educar a juventude que o Senhor da messe nos confiava. A escuta do povo do bairro e a troca com outros missionários do lugar, ajudaram-me a me colocar em atitude de humildade e a afastar aquele sentimento de superioridade que pode ser uma tentação a um missionário que se aproxima pela primeira vez de uma realidade desconhecida e pouco animadora. Precisava encontrar a coragem de renascer do alto como Nicodemos, de abrir espaço ao Espírito Santo, verdadeiro mestre de sabedoria, pois, na sua escola teria certamente encontrado o caminho para falar de Dom Bosco, do seu amor incondicional pelos jovens de toda raça e cultura, e da pertinência de sua espiritualidade em todo tempo e lugar.

Escolhi o caminho do testemunho e do anúncio no cotidiano, feito de pequenos gestos concretos, e o oratório como campo privilegiado de ação. No oratório, desde o início, um grupo de jovens logo se mostrou disponível, sensível, interessado em conhecer Dom Bosco e Maria Mazzarello, fundadores "destas irmãs que sabem brincar, cantar, levar a sério os problemas dos jovens". Quantos cantos, orações, festas e manifestações para difundir o amor ao carisma salesiano. Quantos estratégias para reunir centenas de crianças e jovens todo domingo!

**DMA:** *Como você se pôs em diálogo com a história daquela gente à qual se dirigiu? E como se sentiu enriquecida?*

A primeira fase foi certamente a da descoberta. O povo *fang*, de natureza aberta e sincera, logo me aceitou e abriu o seu coração. Lembro com gosto com quanta amabilidade a senhora Elisa, vizinha de casa, me acolhia. Ela, com muita naturalidade apresentava-me os princípios da antropologia *bantù* e os valores da cultura local; nós nos demorávamos sobretudo tratando da

concepção da família e da educação dos filhos, falando da vida como dom e bênção de Deus. Eu a ouvia com grande interesse e o diálogo fluía espontaneamente. Elisa respondia sempre de boa vontade às minhas perguntas, mas também ficava maravilhada com minha história, com a concepção que eu tinha de Deus, com a vida doada por amor. Dizia que nós irmãs salesianas éramos realmente um dom de Deus para a igreja do Gabon. Além disso ensinava-me as expressões mais comuns da língua local, «assim nós nos sentiremos mais próximas», dizia.

A aproximação dos jovens no ambiente escolar foi mais demorada e difícil. Nas primeiras vezes, fazia muito esforço para obter disciplina e atenção ao entrar numa classe de ensino médio. Habitados a um estilo educativo autoritário e repressivo, os alunos fechavam a boca só depois de ameaças e punições. Os outros professores me diziam que era normal fazer-se respeitar e, mais ainda, fazer-se temer. Que trabalho para conciliar a espiritualidade do diálogo e da confiança em tal situação! No entanto eu sabia que a minha presença naquele ambiente e com aqueles jovens tinha um sentido, que conseguiria entrar em diálogo com eles apesar das dificuldades culturais que encontrava. O tempo deu-me razão, antes, deu-nos razão, dado que o diálogo com a história foi para toda a comunidade FMA de Oyem, uma ponte de lançamento e de confronto. Hoje, em Oyem, depois de exatamente 25 anos de presença, o sistema educativo de Dom Bosco é reconhecido e apreciado pela população e pela igreja local.

***DMA: Como a população local fez a leitura da micro-história da sua comunidade FMA?***

Eu penso que lançamos a semente sobretudo através do testemunho de uma comunidade internacional que se quer bem, trabalha junto e que olha para a mesma meta. Desde a fundação, a comunidade missionária de Oyem foi considerada pelas comunidades cristãs a expressão tangível de como a história humana atravessada pela de Deus, faz cair os muros de divisão e faz nascer pontes de comunhão. Nós éramos, aos olhos do povo, mulheres de Deus que segundo a lógica do evangelho haviam colocado verdadeiramente tudo em comum para se entregar sem reservas à educação e à evangelização da juventude, principalmente das jovens.

Falávamos, mesmo se com acentos diferentes, a mesma língua, comíamos a mesma comida, éramos capazes de suportar calor e precariedade de todo género por amor ao evangelho. A gente se queria bem; acho que cada irmã poderia relatar os inúmeros sinais de benevolência recebidos, as relações que deram espessura à nossa vida missionária de ontem e de hoje. Nas pegadas de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, procuramos semear o amor pela vida e por Aquele que ama a vida.

### **Para a partilha comunitária**

*Propomos um breve percurso de reflexão e de confronto para passar das palavras aos fatos concretos*

\* Nós construímos diariamente a nossa história e a das nossas comunidades. Somos conscientes de que nos inserimos em um contexto que tem um passado? Interroguemos a história da comunidade na qual estamos inseridas e descubramos o segredo do sucesso das nossas irmãs e dos leigos, as fadigas que todos enfrentaram, as alegrias e decepções. Em conjunto, colhamos alguns elementos de valor sobre os quais se regia a comunidade e que favoreciam uma qualidade de vida e um estilo comunitário algumas vezes motivo de saudades.

\* Cada um de nós tem uma pequena história pessoal e familiar. Façamos memória da nossa história e releiamos as nossas experiências pessoais e comunitárias. Compartilhemos a nossa riqueza com as outras irmãs e/ou com a comunidade educativa.

\* O capítulo nos pede para abrir-nos à história de ontem e de hoje. À luz do Espírito e com a sua força olhemos com olhos novos os acontecimentos de hoje que nos desafiam, demos-lhe um nome e experimentemos compreender que respostas nós somos chamadas a dar.

\* A gestão das obras na complexidade da atual sociedade, pelas dificuldades encontradas corre o risco de sufocar a audácia missionária... somos conscientes disso?... Mas, a gestão das obras não é chamada a ser funcional à missão?



## AS MULHERES NA PALAVRA

### Transformadas pelo amor - *Elena Bosetti*

**Qual é o papel das mulheres itinerantes com Jesus? Quem são elas e o que está na origem de sua surpreendente decisão de seguir o Rabi de Nazaré?**

**Lucas lembra o nome de três mulheres, a primeira dentre todas é Maria Madalena.**

**Elas têm em comum uma experiência profunda da bondade terapêutica de Jesus, da sua capacidade de escuta e de cura. Em contato com Jesus experimentaram o amor que salva e um novo estilo de vida: a felicidade de ser voluntariamente servas por amor.**

**A MADALENA** - Maria Madalena é a primeira a ser mencionada, um primado reconhecido pelos quatro evangelistas no anúncio da ressurreição. Indubitavelmente devia ser uma mulher de grande importância na comunidade primitiva. Lucas informa que, antes de colocar-se no seguimento de Jesus, havia sido libertada de «sete espíritos». É possível dar um nome aos «sete demônios» expulsos da Madalena? É justo interpretá-los em chave sexual, como frequentemente se fez, e ver em Maria Madalena a figura da prostituta arrependida? Desde a antiguidade fez-se uma superposição do relato de Lucas a respeito da pecadora perdoada, imediatamente precedente, da qual aliás omite-se o nome (cf Lc 7, 37-50), e Maria Madalena. Mas tal interpretação não tem fundamento. Pecado e possessão diabólica não são a mesma coisa no Novo Testamento.

Atualmente, a exegese das mulheres está contribuindo para esclarecer a identidade de Maria Madalena. A partir de Lc 8,2 podemos deduzir um aspecto indubitavelmente relevante para a identidade psicológico-espiritual da primeira da lista das discípulas: Maria Madalena é uma mulher restituída a si mesma, à própria liberdade através da expulsão de sete demônios que a haviam dilacerado e subjugado interiormente. Pois bem, esta mulher reconduzida à unidade do próprio ser, decide viver sua liberdade a serviço do amor, no seguimento de Jesus.

**JOANA** - A segunda mulher nomeada em Lc 8,3 é Joana. Não encontramos nenhum indício dela nos outros Evangelhos Sinóticos, nem em João. Lucas, ao invés, lembra-a novamente no relato da ressurreição e, também naquele episódio, ele a coloca em segundo lugar, logo depois de Maria Madalena (cf Lc 24,10).

De Joana especifica-se a posição política e social: é a mulher de Cusa, administrador de Herodes. Provém de uma posição social elevada. E eis que surgem então algumas perguntas inevitáveis: por que peregrinava com Jesus? Seu marido estava de acordo? Era talvez viúva? Mas neste caso, por que Lucas nada diz?

Habitualmente o evangelista não perde ocasião para mencionar a viúva, que pertence à categoria dos pobres e oprimidos, aos quais é particularmente dirigida a alegre mensagem. (cf Lc 4, 25-26).

«Se Cusa estava vivo e tinha uma eminente posição como funcionário de Herodes, a situação apresenta-se ainda mais complexa. Estaria ele de acordo com a escolha da mulher, que assim colocava em perigo a sua carreira? Ou Joana, além do abandono de seu ambiente teria precisado suportar o peso da hostilidade de seu marido? Quanto à presença de filhos, não se fala».

Qual pode ter sido o motivo que levou Joana a seguir Jesus? Lucas não o diz. Por isso podemos supor que também para ela valha o que foi dito para todas: a experiência da cura interior, do amor libertador.

**SUSANA** - A terceira mulher da qual Lucas cita o nome é Susana. Dela nada sabemos a não ser o nome. Mas seja como for já é alguma coisa, ou melhor, muita coisa. O nome de tantas mulheres dos evangelhos que também desempenharam papéis importantes, não foi lembrado. Paradoxalmente caiu no esquecimento até mesmo o nome daquela que havia derramado todo o seu perfume sobre a cabeça de Jesus e de quem o Mestre havia dito: «Em verdade vos digo, onde for anunciado o Evangelho, em todo o mundo, contar-se-á também, em sua memória, o que ela fez» (Mc 14,9).

Mas há uma outra razão para alegrar-se visto que o nome de Susana é lembrado: este fato é suficiente para dar consistência à iniciativa mais extraordinária que se possa imaginar. Com três mulheres chamadas pelo nome, as primeiras de uma fileira de muitas outras, não se poderá concluir que a aventura tenha sido imaginária. As investigações de Lucas (cf Lc 1, 1-4) dão por certo que, junto com Jesus, envolvidas na sua missão evangelizadora, estiveram concretamente as mulheres, cujos nomes são lembrados.

---

VIDA CONSAGRADA E...

## Mobilidade humana

*Julia Arciniegas*

«Na manhã de 6 de maio, três embarcações com 227 pessoas a bordo lançaram um alarme de socorro quando se encontravam a cerca de 35 milhas ao sul da ilha de Lampedusa. Uma disputa entre o governo maltês e o italiano sobre quem teria a responsabilidade de intervir atrasou a operação de socorro, finalmente assumida pelos dois navios da guarda costeira italiana, que seguiram reconduzindo os migrantes a Trípoli, na Líbia, sem parar num porto italiano [...]. Os refugiados gritavam aos presumidos salvadores: “Irmãos, ajudem-nos”. Um marinheiro do navio que havia recolhido os fugitivos confessa: ... “não podíamos fazer nada, as ordens eram para acompanhá-los até a Líbia e assim o fizemos. Mas não contarei aos meus filhos o que fiz porque me envergonho”. Todos nos envergonhamos, impotentes e impressionados frente a esta angustiante imagem».

É este um trecho da comovente reflexão de M. Adele Brambilla, superiora geral das Missionárias Combonianas, que conclui: «Na impossibilidade de fazer algo de concreto, decidi escrever estas linhas... ao menos para subtrair-me ao silêncio inquietante com o qual este trágico acontecimento foi acolhido pela sociedade civil» (Comunicado, 14 de maio de 2009).

Um fato, mas há tantos outros nos diferentes contextos sociais. As violações dos direitos fundamentais e da dignidade humana dos migrantes tornaram-se uma questão de alcance global. A violência contra os migrantes já é um fato recorrente. Eles são considerados hoje, em toda parte, como bodes expiatórios do aumento do desemprego, da criminalidade e de vários outros problemas sociais verificados em todos os continentes.

### Diferentes, mas próximos

A imigração é, na realidade, um fenômeno muito complexo que, propriamente por isso, deve ser administrado e não apenas suportado, afirmam os Bispos italianos (maio de 2009), mas esta declaração encontra-se em todos os documentos eclesiais que afrontam este argumento. Duas ações convergentes parecem irrenunciáveis. A primeira consiste em impedir que tantas pessoas de Países pobres sejam obrigadas a abandonar sua terra, à custa de perigos gravíssimos, apenas para encontrar uma esperança de vida. Torna-se necessário incrementar as políticas de ajuda, não apenas econômicas mas de transformação estrutural nos Países mais prejudicados. A segunda atenção consiste em favorecer a efetiva integração social dos que chegam do exterior, através de uma clara definição de relações que transforme a emergência em uma oportunidade para todos. Para que isto seja possível requer-se afrontar o dever de educar e de educar-se para a convivência multiétnica, multicultural e multirreligiosa. A este dever somos convidadas também pelo CG XXII.

O outro, o diferente, o estrangeiro é *o meu próximo*, aquele que me permite viver a gratuidade do evangelho (Cf. Lc 10,29), completamente oposta ao fechamento do “*Não havia lugar para eles*”, referida por Lucas (2,7), quando descreve a atitude em relação ao estrangeiro desconhecido, que devia nascer na noite da história para inundá-la com sua luz inefável.

## Para além da Lei

Muitos Estados ainda não assinaram a *Convenção Internacional de proteção aos direitos de todos os trabalhadores migrantes e de seus familiares*, adotada pela Assembleia Geral da ONU, na sua Resolução 45/158, de 18 de dezembro de 1990. Os governos devem se convencer de que a ratificação da Convenção é necessária. Requer-se, portanto, uma ação de *lobby* que incida sobre os níveis civis e políticos mais altos.

Para além da Lei, existem muitas congregações religiosas – Combonianas, Filhas de Jesus, Franciscanas, etc. – que gastam suas forças procurando afrontar os desafios emergentes da realidade dos migrantes. Citamos somente alguns exemplos.

- **O Serviço dos Jesuítas aos Refugiados (JRS)** é uma organização católica internacional que tem a missão de acompanhar, servir e defender os direitos dos refugiados e das pessoas deslocadas à força. O JRS trabalha em mais de 50 Países do mundo. Tem mais de mil empregados entre leigos, jesuítas e outros/as religiosos/as para responder às necessidades sanitárias, educativas e relativas aos benefícios sociais de 500.000 refugiados e deslocados, na maior parte mulheres.

- **A congregação de São Carlos (Escalabrinianas)**, nascida há mais de cem anos para a assistência dos migrantes italianos, dirige-se hoje a todos aqueles que mais intensamente experimentam o drama da migração, sem distinção de nacionalidade e cultura; tanto estes, como as **Missionárias Escalabrinianas**, e os outros grupos da sua família, em numerosos centros que trabalham em rede, valorizam a alteridade, promovem a acolhida, agilizam a mediação, para que as migrações se tornem lugar de encontro positivo entre culturas, religiões e etnias diferentes.

[j.arciniegas@cgfma.org](mailto:j.arciniegas@cgfma.org)

### As Filhas de Maria Auxiliadora no mundo da mobilidade humana

*Por uma casa comum na diversidade dos povos*

O nosso Instituto, por ocasião dos 125 anos da sua primeira expedição missionária (14 de novembro 1877 – 2002), e como resposta às deliberações dos CG XX e XXI, promoveu um projeto de sensibilização das comunidades FMA e comunidades educativas, para uma resposta coordenada e compartilhada com o fenômeno migratório. Inspirado no Sistema preventivo, interpretado a partir da situação das jovens migrantes, com uma perspectiva de integração, o projeto quer desencadear um processo com algumas escansões em espiral:

- Aproximar-se das pessoas para escutar, para criar encontro
- Conhecer, compreender melhor a complexidade e as causas do fenômeno vivido pelas pessoas, para um serviço correto
- Agir junto com as jovens e as famílias migrantes como cidadãs a pleno título.

O Instituto, através do Âmbito das Missões, propôs uma campanha para promover a ratificação da Convenção Internacional no próprio Estado (Cf Âmbito Missões ad/inter gentes, *De FMA na missão ad gentes da Igreja, 1996-2008*. – Documento fácil de se encontrar em Banca Dati FMA).

## ECUMENISMO

### **O espírito de Assis** - *Bruna Grassini*

**Ouvimos o clamor dos pobres. Temos nos olhos e no coração os sofrimentos dos povos da terra. Vimos de perto as consequências inumanas da exploração insensata do planeta. Conhecemos as possibilidades imensas e os riscos da globalização. Descemos às profundezas das nossas tradições religiosas e da memória. Por isso, afirmamos fortemente: “O caminho para superar a desconfiança e os conflitos é o diálogo”. O diálogo não enfraquece a identidade de ninguém, mas desafia cada homem e cada mulher a ver o melhor que existe no outro, a enraizar-se no melhor de si mesmo. Nada fica perdido com o diálogo. Tudo é possível com o diálogo. O diálogo é o remédio que cura as feridas da divisão e regenera nossa vida em profundidade, enquanto enraíza as pessoas na verdade, no testemunho recíproco, na caridade e na amizade.**

**Somos a comunidade dos “pesquisadores de paz”: uma comunidade feita de religiões, de histórias, de línguas e sensibilidades diferentes.**

**Eis a nossa riqueza e o nosso futuro. A semente que ajuda a ser mais humanos e mais fiéis é depositada nesta comunidade de pesquisadores de paz.**

*(Apelo de Lisboa, 26.09.2000)*

Em 27 de outubro de 1986, na colina de Assis, realizou-se um evento religioso, único na história, que assinalou um caminho há séculos interrompido. Um encontro que abria a uma grande visão: Papa João Paulo II, naquela fria manhã, falou com o coração aos representantes religiosos do mundo, convidando todos a rezarem “juntos”, abarcando a vida, os sonhos, as aspirações de tantos irmãos, num abraço, numa grande visão de Paz. Não houve debates: oração e jejum juntos, no silêncio e na amizade. Assis torna-se oração de uns com os outros, de uns para os outros, espaço de comunhão, de hospitalidade de tantos irmãos humilhados, rejeitados, e preciosa fonte de comunhão. «Estávamos ali também nós – escreve Andrea Riccardi, fundador da Comunidade de Santo Egídio – juntos para acolher, assentar as bases de um diálogo entre as igrejas e a sociedade, jovens cristãos de várias confissões, pertencentes a culturas e tradições diferentes, numa grande peregrinação de fé».

Assim se realiza a *unidade*: respeitando as diferenças, desejando realizar a amizade, a estima, o amor recíproco, buscando um caminho juntos, com suas fadigas, suas expectativas, seus sofrimentos e suas esperanças. “O espírito de Assis”: espírito de unidade entre cristãos, espírito de diálogo entre as religiões: isto não significa perda da própria identidade, nem desistência ou confusão. «O diálogo – escreve ainda Andrea Riccardi – responde às profundas razões do amor: a arte de viver no nosso mundo fragmentado e dispersivo».

Por outro lado não há alternativa ao diálogo: hoje ele é uma urgência, um convite a todos os construtores de uma cultura de convivência, sem discriminação. Devemos ser mais audazes neste caminho para que nossas irmãs e irmãos, de qualquer nacionalidade, possam sentir-se “filhos do Deus único, do Pai de todos”. A comunhão entre cristãos constrói-se assim, com relacionamentos pessoais. O Arcebispo de Milão, cardeal Dionísio Tettamanzi, repete com frequência: «A unidade não tem tanta necessidade de gestos espetaculares ou de passos diplomáticos quanto de uma conversão da vida espiritual de nossa Igreja. É esta esperança de comunhão que faz crescer o conhecimento recíproco e a necessidade da unidade: juntamente com a humildade que liberta dos preconceitos e dos sutis complexos de superioridade». Às suas, fazem eco estas palavras de Mons. Evlonghij, arcebispo ortodoxo de Vladimir que, ao acolher um grupo de peregrinos italianos na Rússia, indicou como se pode realizar um diálogo fraterno: «rezando, trabalhamos pela unidade dos nossos irmãos, das nossas cidades, das igrejas de todos os homens». E, comovido, concluía: «Com a vossa visita, vós chegastes até nós como pão que sacia a nossa alma, a nossa fome de Deus e de unidade».

## Assis é “reconciliação”

São Damião, Porciúncula, Santa Maria dos Anjos, Greccio, Alverne: cada um destes lugares representa uma experiência, um acontecimento sagrado, uma espiritualidade, uma espécie de “geografia da salvação”. O cardeal Paulo Poupard, assim a definiu: «Assis é um milagre, uma lição permanente de vida, um ideal feito de mansidão, de humildade, de empenho a serviço de todos».

Assis, dizia João Paulo II, é “Reconciliação”. E João XXIII repetidamente convidou-nos a purificar a memória do passado, a pedir perdão, a buscar caminhos de paz.

O caminho para a comunhão plena e visível dos cristãos é prioritário: bem sabemos o quanto ele seja árduo e ao mesmo tempo urgente. Bem sabemos que apenas a conversão do coração com uma especial intervenção do Espírito Santo é que pode realizar o milagre. É no coração que está o ponto de partida para o bem e para o mal. Constrói-se a reconciliação a partir de um coração novo, capaz de reconhecer em cada pessoa um irmão, uma irmã. O “coração novo” considera o outro como um bem que deve ser acolhido, sustentado, amado, valorizado. No grande encontro dos jovens em Loreto, o Papa Bento XVI exortou-os a testemunhar ao mundo o segredo da fraternidade. «Vocês uniram suas bandeiras e seus corações, num arco-íris de esperança... De vocês deve sair um grito de paz, um empenho de comunhão».

[grassini@libero.it](mailto:grassini@libero.it)

*Louvado sejas meu Senhor, por todo homem e toda criatura..*  
**TU és HUMILIDADE, és AMOR, és CARIDADE. Ó SENHOR. FAZE DE MIM UM INSTRUMENTO DE TUA PAZ. TU és SANTO, SENHOR DEUS. É dando que se recebe. SENHOR JESUS CRISTO CONCEDE-ME SEGUIR AS TUAS PEGADAS. TU és A NOSSA ESPERANÇA. LOUVADO SEJAS MEU SENHOR PELA TUA BELEZA SEMEADA EM TODO O MUNDO.**  
**O Senhor te dê a PAZ.**

FIO DE ARIADNE

## A própria história: um problema ou um recurso?

*Maria Rossi, Andreina Achili e Comunidade de Pádua - [rossi\\_maria@libero.it](mailto:rossi_maria@libero.it)*

Todo mundo que viveu e vive tem sua história pessoal, original, diferente de todas. Única. E é com ela que cada um deve lidar.

No curso da vida, especialmente na idade da eficiência, facilmente se é atropelada/o pelos empenhos, responsabilidades, hobby, pela necessidade de realizar coisas importantes. Não se tem tempo, mas talvez não se tem nem mesmo o desejo ou a disposição para refletir, para ver quem se é realmente e por onde se está caminhando. Urge outra coisa. Corre-se, persegue-se o tempo, realizam-se coisas importantes, excepcionais, algumas vezes.

É principalmente na idade adulta avançada que, dadas as ocasiões que se apresentam, sente-se a necessidade de fazer um balanço da própria situação existencial, captar seu sentido, colocar ordem e sobreviver em algo que se possa deixar para os que ficam. É assim que nascem as autobiografias. Encontram-se muitas publicações, antigas e recentes, com títulos variados:

Memórias, As confissões, Diário, Cartas a..., O livro da minha vida, Recordações, Autobiografia, etc. Leem-se geralmente de boa vontade, porque, mesmo sendo diferentes e originais, tocam problemas, valores e sentimentos universais. Ultimamente, cresceu o interesse por estes "relatos", também no âmbito dos estudos da Psicologia, devido ao seu valor formativo.

### **Histórias de vida**

Quem trabalha no campo da educação ou com o acompanhamento psicológico fica conhecendo muitas histórias de vida. Os pais ou quem pede uma consulta psicológica relatam suas experiências com entoações emotivas que vão do pranto ao sorriso, da raiva à vergonha, do medo à esperança. Quem as escuta acolhe-as como um dado importante para compreender os problemas e oferecer intervenções educativas eficazes ou de apoio psicológico.

As histórias contadas nestas ocasiões são verdadeiras e frequentemente pesadas, mas parciais e tendentes a frisar situações dolorosas e traumáticas. Trata-se de experiências reais, mas aumentadas pelo sentimento de culpa, pela ansiedade e medos pessoais. Algumas vezes são apresentados acontecimentos bastante normais como se fossem situações dramáticas, por exemplo, não poder sair em férias por alguns anos; ter sido confiada/o aos parentes durante uma doença grave da mãe; ter um pai que trabalha muito, que não deixa faltar nada mas que fala pouco; ter alguma dificuldade econômica e não poder permitir-se ter tudo; não ser compreendido e valorizado por um pai, um professor, uma autoridade, um companheiro. Ao serem relatadas, estas situações apresentam-se como se fossem pedras irremovíveis, negativamente condicionantes. Mas são realmente tais?

A tentação de acentuar as situações negativas, ou vividas como tal, para desculpar atitudes imaturas, agressivas ou um tanto infantis, é de todos, incluindo as pessoas consagradas. É mais fácil fazer assim. Não requer o esforço de uma serena introspecção, de uma ponderada reflexão e de uma autocrítica suficientemente realista. Não é raro ouvir pessoas que acreditam ser respaldadas nestes comportamentos pela psicologia e que não se sentem responsáveis, mas apenas vítimas do que sucedeu, isto é, dos eventos externos. Na verdade todos somos um pouco vítimas, um pouco carrascos, um pouco condicionados e um pouco condicionadores. Mas como pessoas, somos capazes de utilizar positivamente tudo quanto a vida nos apresenta.

Colocar-se diante da história da própria vida, perscrutar com bastante realismo o próprio passado, não é fácil, nem indolor, mas poderia ser uma importante ocasião de crescimento humano e espiritual.

### **Poderia**

*Poderia*, mas não é automático, nem previsível. A volta ao passado comporta fazer emergir as experiências alegres de metas alcançadas, de sucessos obtidos, de amizades correspondidas, mas também de traições, de escolhas erradas, de esperanças truncadas, de humilhações sofridas; comporta rever pessoas que compreenderam, sustentaram, acompanharam com paciência e amor o nosso crescimento, mas também as que traíram as esperanças, ou dificultaram o caminho, que se aproximaram apenas por interesse. Tudo faz parte da história, também os acontecimentos que se desejaria eliminar, cancelar e que, ao contrário, precisariam ser retomados e administrados de modo novo. Até mesmo os eventos adversos ou pelo menos entendidos como tal, se encarados de frente nunca são de todo negativos. Os sofrimentos e os obstáculos colocam a pessoa na condição de refletir, de aguçar a criatividade, de encontrar energias e estratégias para afrontar as situações. Eles conferem uma experiência e uma espessura humana que as facilidades não podem conferir. A morte de uma pessoa querida, a incompreensão de uma pessoa importante, *podem* criar condição para a emergência de energias adormecidas que permitem prosseguir com dignidade, com mais consciência e autonomia. O demasiado bem-estar frequentemente enfraquece, atordoa, insensibiliza.

Quem se põe à altura de colher o significado positivo das incompreensões, das traições, dos próprios erros e consegue perdoar-se e perdoar, aceitando e elaborando *tudo* ao longo de sua história, *pode* chegar àquela unidade interior que confere bem-estar e paz, abre a outras experiências, capacita a um olhar de misericórdia, permite passar do rancor, do ódio, da raiva à

grande compaixão. A história pessoal torna-se, assim, um recurso grandioso, uma *história sagrada*. E se é possível fazê-lo, por que não experimentar?

### **A outra face da medalha**

Mas existe a outra face da medalha. A história pessoal pode ser sentida como um problema insolúvel, como um conjunto de injustiças sofridas, como um fracasso atribuído a causas externas. Colocar-se diante da própria história, com estas impressões, pode gerar medo, angústia, rejeição. Nem todo tempo é favorável para aproximar-se positivamente do próprio passado, aceitá-lo, organizá-lo e unificar-se na paz. Pode-se, porém, criar o tempo propício procurando superar os medos e as resistências normais, mas sem forçar. Não convém perturbar os precários equilíbrios alcançados. É melhor conviver com um equilíbrio precário do que com uma angústia mortal. Enquanto se tem vida, melhorar sua qualidade é bom não só para a pessoa, mas também para a comunidade religiosa, familiar, social, humana.

A rejeição e a não elaboração das próprias experiências pode-se colher de uma contínua e inútil saudade; da propensão à queixa; da necessidade de relatar repetidamente o evento doloroso. Estes relatos são com frequência acompanhados por um sentimento de rancor e de revanche contra aqueles que se crê os ter infligido, ou são apresentados como um atenuante da responsabilidade diante dos próprios comportamentos agressivos, descontentes, mal-humorados, ilógicos. “É porque eu estive por dois meses na incubadora”, repetia uma jovem e com ela toda a sua família, para desculpar-se e desculpá-la de comportamentos ainda infantis. É porque meu pai preferiu minha irmã, minha mãe preferiu meu irmão, a minha superiora não confiou em mim e preferiu as outras; é porque o meu companheiro desconfiou de mim todas as vezes que pôde fazê-lo, a chefe do meu escritório fez-me observações injustas e humilhantes especialmente no período da minha formação, os meus professores não me deram a nota que merecia; fui tratada injustamente: as coisas melhores sempre foram dadas às outras.

Na maioria das vezes, as situações narradas são verdadeiras ou têm, seja como for, algo de verdadeiro. Mas o fato de que tais situações *obriguem* a pessoa a relatá-los continuamente carregando-os de detalhes que convençam das injustiças sofridas, significa que elas não foram aceitas, nem absorvidas. Estão ali como errantes minas explosivas que continuamente se apresentam à memória e obrigam a um relato quase sempre acompanhado por expressões sofridas de lamento, de rancor, de revanche.

### **Tomar a vida nas próprias mãos**

Em qualquer idade, mas sobretudo na idade adulta avançada, é possível tomar nas mãos, com respeito e amor, a própria vida, aceitá-la por aquilo que foi e que é e não deixar que seixos ou minas errantes a perturbem e a destruam. É este o caminho que leva a uma íntegra identidade, a uma unificação pessoal que, mesmo no limite e no sofrimento, confere aquele sentido de plenitude e de paz que gera serenidade e abre a horizontes sempre mais amplos, profundos, desconhecidos. É este o caminho da própria história, original e única, uma *história sagrada*, uma história providencial plena de sentido. A tendência a culpar-se ou a culpar os outros e os acontecimentos para desculpar os próprios procedimentos negativos e aborrecer o mundo repetindo as mesmas coisas penosas e sentindo-se sempre mal-tratadas pelas outras, *pode* ser superada.

Quem tem fé e crê em um Deus que ama e perdoa ao infinito; que sustenta na fadiga, na dor, na alegria; que não permite que sejamos tentados além das nossas forças; que sabe tirar o bem também do mal e que, finalmente, dará a cada um segundo os próprios méritos, está seguramente sustentada/o e protegida/o para alcançar metas humanas e espiritualmente altas.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Como aprofundamento e formação pessoal, poderia ser interessante e útil a leitura do livro de DEMETRIO Duccio, *Contar. A autobiografia como auto-cuidado*, Raffaello Cortina, Milão 2007, 10ª edição.

## **Somos verdadeiramente livres e iguais?**

### **Liberdade difícil** (Antonella, 11 anos)

O mundo que eu sonho é um mundo em que todas as meninas possam estudar, não como acontece em Teerã. Teerã é a cidade de onde veio meu pai e fez tanto esforço para encontrar um trabalho. Ele me disse que lá as meninas que estudam podem ser punidas e devem estudar às escondidas. Isto não é justo. E não é justo que algumas pessoas devam deixar o seu País, os amigos e todos os parentes porque não há liberdade, como fez o meu papai. Um mundo perfeito deveria deixar todas as pessoas livres e ajudá-las a encontrar um trabalho. As jovens, como minha irmã Fátima, deveriam ter um trabalho, depois de formadas. Ao contrário, ela que conhece três línguas, fica passando de um trabalho insignificante para outro, sem contratos. Sonho com um mundo novo, diferente, com mais liberdade e mais trabalho para todas as moças. Refiro-me a um trabalho verdadeiro, igual em tudo ao dos rapazes.

*FONTE: PANSA FRANCESCA - Um mundo perfeito, Milão, Sperling&Kupfer - 2008*

### **Números ou almas?** (Anna, 12 anos)

Somos verdadeiramente livres e iguais? Ou melhor, eu chegarei a ser?

Há quem na sombra da noite se movimenta silencioso, para roubar as riquezas de um banco, há quem na solidão da alma caminha silencioso e reflete, para descobrir as riquezas que há em si mesmo. O primeiro é um número, o segundo é uma alma. Há pessoas que se sentem importantes, comandando um vasto exército, governando uma nação, sendo o dirigente de uma empresa, sendo o proprietário de extensas vilas. Há pessoas que se sentem importantes com o amor de um amigo. Os primeiros são números apenas, os segundos, almas.

### **Exploração sexual on-line**

Num barraco em Cebu, Filipinas, há um café *Internet* que oferece a possibilidade de conectar-se pela banda larga com o resto do mundo.

Num lugar onde falta tudo, as oportunidades oferecidas pela internet são infinitas. Mas junto às oportunidades há os riscos provindos da rede.

Um número crescente de jovens é envolvido num perigoso círculo de exploração sexual por parte de estrangeiros conectados *on-line*.

Ângelo, 15 anos, começou a se comunicar no *chat* com homens.

“Encontrei muitos amigos no *chat*. Disseram-me que poderia ganhar dinheiro *chatando*. Por muitas horas durante o dia Ângelo fica on-line com homens da América do Norte ou da Europa. “Eles me dizem: eu lhe mando o dinheiro se você me mostrar o seu corpo nu. E eu lhes mostro e eles me mandam o dinheiro. Deste modo posso ajudar minha mãe, minha irmã e seus filhos”.

A UNICEF sustenta nas Filipinas iniciativas que envolvem os *cafés Internet* para convencer os gestores a remover as cabines privadas, onde acontecem as *performances* exigidas pelos usuários estrangeiros.

Promove também um código de conduta para os *cafés Internet* a fim de tornar mais seguros os acessos à rede para as jovens gerações.

*FONTE: O Mundo amanhã 30 (2009) 6,3*



# Microcrédito na América latina - *Mara Borsi*

**Formas de microcrédito e de microeconomia, em favor das mulheres, espalharam-se por todo o Instituto. Neste artigo são apresentadas duas experiências, uma realizada no Equador na região andina, outra na Nicarágua. Os pequenos comércios informais ferecem a possibilidade de educar os filhos, melhorar as condições de vida das famílias além de favorecer os direitos da mulher.**

A comunidade de Pachagron pertence à Paróquia São Simão, situada no Cantón Guaranda, Província de Bolívar (Equador) e a sua população é indígena, na grande maioria; até alguns anos atrás a língua mais falada era o *kichwa*, atualmente também o espanhol está largamente difundido entre os indígenas. O território de Pachagron encontra-se numa altitude compreendida entre 2.500 e 3.500 metros acima do nível do mar. A maior fonte de subsistência é a agricultura, um pouco menos a criação de aves de quintal, porcos e, na mínima parte, de bovinos e ovinos

### Uma panificadora nos Andes

A comunidade, da qual parte viva são as mulheres, é constituída por 150 pessoas, não tem infra-estruturas adequadas às necessidades; os serviços básicos são precários e os canais de irrigação, insuficientes. As casas, na maioria, são de madeira e muitas não estão em boas condições. Com a colaboração dos membros da comunidade chegou-se a manter uma cooperativa e através de um primeiro empréstimo foi comprado um forno de padaria. Atualmente a comunidade está empenhada num projeto de desenvolvimento para melhorar a produção e tornar mais adequada a venda dos produtos a fim de que sejam apresentados aos clientes de modo mais oportuno. Através da microempresa da panificadora visa-se a modificar as condições de vida das famílias e sobretudo das mulheres e crianças. O trabalho é subdividido entre os membros da comunidade, onde é fortemente solicitado o senso de responsabilidade individual e coletivo. As normas que regulamentam a microempresa são decididas em conjunto. O planejamento e a avaliação contínua do trabalho permitem vigiar sobre a qualidade da produção. A comunidade oferece produtos que normalmente são milho, trigo, favas, ervilhas. A produção é utilizada em primeiro lugar para cobrir as necessidades da comunidade e das comunidades vizinhas. Os produtos são levados também ao Conselho Provincial de Bolívar e na ocasião das festas são vendidos nos mercados. Os responsáveis do projeto auguram o aumento da produção para evitar que os diversos membros da comunidade emigrem para as cidades.

### A microempresa Main

Masatepe é uma das cidades do município de Masaya – Nicarágua. Tem cerca de 30.000 habitantes e a população se caracteriza por suas qualidades manuais: existe uma antiga tradição artesanal de trabalho com o vime (fibra vegetal), com a madeira e com a confecção de sapatos.

Nesta região há três zonas francas que oferecem trabalho a mulheres que têm qualificação profissional no âmbito da alfaiataria. Em geral, a população entre 10 e 20 anos desconhece a possibilidade de ter acesso aos diplomas da escola secundária. Por isso, a formação profissional no âmbito do artesanato é uma boa chance para entrar no mercado de trabalho e contribui para diminuir o número de crianças, adolescentes e jovens que se dedicam à prostituição.

A microempresa ligada à escola de formação profissional *Main* nasceu a partir da análise das necessidades da população cuja maioria é rural, tem escassos recursos econômicos e poucas possibilidades de um trabalho digno e bem remunerado. As famílias são compostas na maioria, por mulheres muito jovens que chefiam suas famílias. Muitas delas trabalham em casa, outras escolheram fazer parte da microempresa e um pequeno percentual trabalha na zona franca (Maquilas).

Dada a alta afluência das mulheres à escola *Main* foram abertos dois espaços: um para ensinar a cortar, costurar e outro para a confecção das roupas. Até o momento presente o projeto teve um

impacto positivo abrindo para mulheres mães e chefes de família o mercado de trabalho, dando-lhes a possibilidade de utilizar máquinas altamente tecnológicas para a confecção de roupas de diferentes tipos e favoreceu a formação profissional de mulheres com poucos recursos econômicos. A microempresa está restituindo a esperança a famílias seriamente atingidas pela pobreza.

O projeto propõe fornecer conhecimentos básicos de corte e costura para habilitar as jovens e as mulheres a entrar no mercado de trabalho de modo qualificado, respondendo assim às exigências do território; criar a oportunidade de um salário justo mediante o trabalho cooperativo para melhorar a qualidade de vida das famílias. A microempresa confecciona uniformes escolares, roupas variadas para adultos e crianças, calções para a educação física. A produção é comprada pelos alunos de diversas escolas da Nicarágua e pelos catequistas das paróquias católicas.

A dificuldade maior até agora experimentada é a falta de financiamento para a compra do tecido. Não se encontram dificuldades para a venda dos vestuários porque os preços são baixos.

As mulheres envolvidas na microempresa são entusiasmadas e estão dispostas a dar o melhor de si mesmas; a prospectiva do projeto é aumentar o número de mulheres que trabalham na confecção das roupas e assim melhorar as condições de vida sobretudo daquelas que são chefes de família.

[marac@cgfma.org](mailto:marac@cgfma.org)

**A cooperação ao desenvolvimento através das parcerias  
é um laboratório de mudanças, um caminho de inovação que acompanha os  
processos de crescimento e de difusão de atividades econômicas  
segundo os modelos da economia solidária  
e da cooperação social.**

*Cooperação ao desenvolvimento. Orientações para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*

PASTORALMENTE

## **Os jovens e a pluripertença** - *Anna Rita Cristaino*

**As jovens e os jovens vivem uma pluralidade de modos de socialização, experimentam diferentes pertencas e constroem a própria identidade com muitas referências. Podem ser estudantes e trabalhadores *part-time*, morar fora de casa e manter contatos cotidianos com a família, frequentar ao mesmo tempo a paróquia, a discoteca, o clube esportivo (*Linhas Orientadoras da Missão Educativa, nº 19*).**

A busca da própria identidade e da autoconsciência, passa também pelas múltiplas experiências que cada um de nós tem a oportunidade de fazer durante a vida. Os jovens, na busca da própria identidade, no desejo de conhecer-se, de testar-se, de examinar as próprias qualidades, decidem fazer mais experiências e algumas vezes muito deferentes, ou até mesmo conflitantes.

Parece estar emergindo a exigência de dar espaço a um eu interior "múltiplo". Para os jovens é como olhar-se no espelho, escolhendo, de vez em quando, refletir-se naquele que remete a uma confirmação das próprias expectativas. O que mais os assusta é cair na vulgaridade e na mediocridade. Não suportam uma autoimagem habitual, a partir de qualquer um. Buscam o lugar, o espaço que os faça sentir-se únicos e originais.

Por isso frequentemente escolhem os excessos. Experiências cuja superação faça crescer a própria autoestima.

Esta busca de si, que frequentemente empreendem com medo, leva-os a comportamentos que algumas vezes tocam o não-lícito: a agitação, as noites sem dormir, as diversões, o sexo fácil, os esportes radicais etc.

Mas esta busca também os estimula ao bem que querem fazer de maneira absoluta. Eis porque tantos deles escolhem o voluntariado tanto católico como leigo.

Eles têm uma necessidade inconsciente de testar-se e medir-se. Mas com frequência o seu empenho não é para sempre. O “para sempre” lhes é assustador. Temem a rotina, temem barrar as alternativas. É como se dissessem a si mesmos: «Escolho isto para sempre mas, e se depois o outro caminho for mais bonito e me oferecer mais oportunidades de realização?». Este tipo de raciocínio vale para os contatos, os afetos, a escolha do trabalho.

Algumas vezes parece que eles têm medo de enfrentar a “prova final” que os definiria, e lhes daria uma identidade única. Podemos por isso dizer que a identidade é como um patchwork, um quebra-cabeças, um mosaico, uma contínua busca de lugares e ancoradouros para a autodefinição, de modo provisório e reversível.

## **Pertencer a mundos diferentes**

As novas gerações experimentam o sentimento da amizade de modo cada vez mais forte, e se deixam envolver pelas relações com todo o seu ser! Existem novas formas de comunicação e novos espaços de socialização virtual ou não virtual que sustentam os seus relacionamentos. Nota-se que o jovem, nas amizades e nas relações conjugais, não se contenta mais em fazer parte de um único núcleo de amizades, mas tem necessidade de pertencer a grupos, algumas vezes muito diversificados, que o remetam a uma determinada imagem de si!

Muitos vivem em várias dimensões, trabalham, às vezes vivem com amigos ou sozinhos. Mas cultivam também o senso de pertença à própria família. Frequentemente deixam sua cidade natal e aprendem com o intercâmbio cultural, a beleza e a complexidade da diversidade.

Uma bússola que indique o norte, para os jovens não tem mais serventia: eles precisam de um radar, que lhes mostre onde estão os outros companheiros de viagem e que lhes permita periodicamente posicionar-se de novo.

Hoje parece ser necessário não tanto ter uma identidade bem ancorada em ideologias quanto ter a capacidade de discernir e tomar decisões num mundo dinamicamente plural e mutável.

Aí está a importância, para o educador, de um acompanhamento que oriente o jovem ao autoconhecimento de uma forma dialógica sempre pronta a remontar as peças.

Esta flexibilidade e hábito ao re-equilíbrio é um recurso educativo que ajuda o jovem a encontrar o próprio lugar no mundo e a entoar o “seu canto” a viva voz. Na busca da felicidade, é importante para os jovens conseguir transformar os aspectos problemáticos em oportunidades que lhes confirmem a capacidade de dar o melhor de si. Hoje, também o mundo do trabalho supõe mobilidade e capacidade de adaptação e de reposição das próprias competências. Isto não ajuda a fixar as raízes territoriais e, com frequência, nem mesmo as afetivas. Requer um grande esforço para não dispersar-se e sobretudo uma boa capacidade de reflexão para orientar as próprias escolhas com plena liberdade. A intervenção educativa pode portanto ter como objetivo educar a capacidade de reflexão, de discernimento e releitura das experiências para que se tornem bagagem sapiencial própria. Tudo isto para preparar os jovens a dar sua resposta à lógica da sociedade global que exige: flexibilidade, mobilização contínua, erradicação histórica, hedonismo consumista.

## **Aprender a suportar o peso do cotidiano**

As Linhas Orientadoras da Missão Educativa das FMA lembram como a espontaneidade caracteriza o empenho dos jovens nas diferentes associações. O voluntariado pode ser vivido como um primeiro estágio antes de se realizarem as escolhas definitivas que vinculam sua vida. Mas tudo isto pode representar para os educadores e agentes de pastoral uma oportunidade: permitir às novas gerações sair da situação de fechamento egoísta no próprio grupo familiar ou no círculo restrito dos próprios amigos e experimentar novas formas de abertura. Confiando nos

jovens, respeitando os jovens, colhendo os seus entusiasmos de sincera generosidade sem cálculos, como educadores pedimos a eles que assumam responsabilidades.

Fazer de modo que os jovens aprendam a assumir o embate cotidiano com o objetivo de realizar os próprios sonhos em vista de uma humanidade melhor.

[arcristaino@cgfma.org](mailto:arcristaino@cgfma.org)

---

POLIS

## Reflexões e propostas defronte

### à emergência educativa - *Graziella Curti* - [m.curti@cgfma.org](mailto:m.curti@cgfma.org)

**É um tema que nos desafia de perto, especialmente como educadores e educadoras. O Papa tocou neste assunto, as grandes agências mundiais de formação e educação continuam a discuti-lo, os meios de comunicação estão saturados disso.**

**A Família salesiana, seguindo as pegadas de Dom Bosco, propõe ainda hoje o sistema preventivo como método para o crescimento integral da pessoa.**

“Mas o que está acontecendo?” perguntava-se já faz algum tempo, um professor apaixonado, enquanto observava que, sempre com mais frequência, os adolescentes estão caindo nas malhas de tiranos, prepotentes, patifes. A resposta foi dada por ele mesmo e reforça o pensamento de muitos: “Às escolas superiores chegam meninotes disfarçados de delinquentes, carrancudos, com caminhar desafiador, olhar gélido. Já beberam milhões de horas de desenhos animados feitos de desencontros, pancadas às cegas, rajadas mortais... Comparando com vinte anos atrás, estes adolescentes têm um sistema nervoso inflamável, deixam a escola por um nada, batem as portas, brigam com todos e com tudo... não aceitam nenhum limite. O problema básico está no imaginário que os alimenta. Não há mais silêncio ao seu redor... Se é verdade que a economia dá as regras e o tom a todo o resto, então é claro que uma sociedade em que se exalta somente a competitividade, a dura lei do mercado, o triunfo do vencedor, não pode produzir senão tensão e conflito em todos os níveis”. A responsabilidade maior destas atitudes é sempre devida, segundo alguns educadores, aos adultos, que não souberam oferecer um imaginário diferente aos jovens. Mas então, resta para nós apenas passar a esponja? Existe, nesta emergência, ao menos um fio de esperança para os pais e educadores?

#### **Uma pedagogia da aliança**

No tesouro da tradição salesiana surge uma sinalização que consegue indicar-nos um percurso. No tempo de Dom Bosco passava-se de uma sociedade agrícola a uma sociedade industrial, de uma sociedade rural a uma urbana, de uma sociedade monárquica à republicana. Hoje estamos vivendo mudanças análogas, à distância de mais de um século. Também hoje, como então, os jovens constituem o iceberg dos problemas. «A intuição genial de Dom Bosco, que permanece tão atual na sociedade de hoje – disse Jean Marie Petitclerc, um salesiano que trabalha na periferia de Paris – consistiu em saber decodificar os fenômenos de violência que observava nas periferias de Turim, como sintomas evidentes de uma falha educativa. Não podemos esquecer que com muita frequência a violência constitui o modo mais natural de gerir o conflito, de exprimir a raiva. O que não é natural, mas fruto da educação, é a convivência, a paz, é estabelecer relações respeitadas com quem é diferente de nós». As clássicas expressões de Dom Bosco: “Educação é coisa do coração” e “Não basta amar os jovens, é importante que eles se sintam amados”, estão na base de um tornar a crer diariamente com fé e confiança no mundo juvenil que algumas vezes se exprime de maneira absurda e cruel. “Há sempre um ponto acessível ao bem” assegura-nos o santo dos jovens. E, em cada época da história, o caminho de acesso é o da amorevolezza.

## A pipa do sonho

Pipas coloridas esvoaçaram pelo céu da educação durante o Congresso que, no início de 2009, a Família salesiana, há 60 anos da Declaração universal dos direitos humanos, quis dedicar a mais de trezentos educadores, procedentes de todas as partes do mundo, para que se reacendesse a paixão por aqueles que estão começando a caminhada da vida e que faziam Dom Bosco dizer: “Basta que sejais jovens para que vos ame”.

O Congresso fez parte deste processo de formação cultural renovada, dirigido tanto à Congregação quanto à sociedade civil, como resposta à emergência educativa da qual tanto se fala hoje. Precisamente por isso, durante a reflexão não se limitou a evocar o passado, mas foram revistas algumas obras significativas já em andamento em cada um dos cinco continentes. Apareceram na tela imagens da América Central onde mais de dezesseis mil jovens estão reunidos pelo projeto salesiano “A mala dos direitos humanos”. Da periferia de Paris e de um dos bairros mais populares de Roma contaram-nos as histórias de jovens em perigo, de imigrantes que encontraram acolhida e orientação em atividades de recuperação e inserção no trabalho. Da Índia e da África chegou até nós o relato/passagem da miséria e da violência à cidadania responsável, de moços e moças que foram envolvidos por projetos educativos que responderam à suas demandas vitais. Insistiu-se muito sobre o fato de que todas as comunidades salesianas são chamadas a este compromisso de educar, hoje, com a mesma paixão de Dom Bosco e de Maria Mazzarello.

**O que fazer? Retomemos algumas reflexões e conselhos que emergiram seja do Congresso sobre o *Sistema Preventivo e direitos humanos*, seja da intervenção no dia da comunidade educativa celebrada antes do início do Capítulo das FMA, seja das mesmas palavras do Papa.**

*\* O Reitor-Mor, Dom Pascual Chavez, à pergunta “O que fazem os salesianos diante da emergência educativa”, responde: «Os Salesianos propõem sobretudo a paixão educativa. Não é suficiente propor conteúdos válidos, ter uma conduta exemplar de vida. Ocorre ter esta paixão educativa, isto é, a capacidade de comunicar-se intensamente com os jovens, de enfrentar “até a temeridade” as respostas aos desafios do momento presente. Dom Bosco dizia, baseando-se em sua experiência pessoal, que não basta amar os jovens. É preciso que eles percebam que são amados. Como? Exatamente partilhando a vida com eles, não os deixando do jeito que são, mas acompanhando-os na busca de respostas às suas perguntas existenciais básicas: isto é, acompanhando-os ao encontro com Jesus Cristo, único salvador do homem, ontem hoje e sempre».*

*\* Palavras do cardeal Stanislaw Rylko, presidente do Pontifício Conselho para os Leigos na Mesa redonda do “Dia da comunidade educativa”, organizado pelas Filhas de Maria Auxiliadora no curso do seu XXII Capítulo geral - «Em que consiste a crise educativa da posmodernidade, hoje no centro de tanta preocupação? Como sair desta emergência que põe em risco as bases da convivência social e o futuro da sociedade? Quais são as expectativas do Papa com relação aos educadores?». Responde o cardeal: «Não esquecendo que a relação educativa é um encontro de liberdades e que a própria educação cristã é formação para a autêntica liberdade, os educadores devem levar a sério as perguntas dos jovens, as existenciais e as geradas pelo confronto entre fé e razão».*

*Bento XVI - «Urge a contribuição de cada um, para que a sociedade se torne um ambiente mais favorável à educação. Cada educador sabe que para educar ele deve dar algo de si mesmo».*

## A PALAVRA

### HÁ PASSOS APROPRIADOS PARA CONSOLAR

“LÂMPADA PARA OS PASSOS E LUZ NO CAMINHO” (Salmo 119, 105)

## Disseram

«Vocês têm obras, colégios, oratórios para jovens, mas não possuem senão um tesouro: a pedagogia de Dom Bosco. Arrisquem todo o resto, são apenas meios, mas salvem a pedagogia.

Num mundo em que os homens e os meninos são esmagados, dissecados, triturados, classificados, *psicanalizados*, em que as crianças e os homens são utilizados como cobaias e matérias primas, o Senhor Ihes confiou uma pedagogia na qual triunfa o respeito pelo jovem, pela sua grandeza e pela sua fragilidade, pela sua dignidade de filho de Deus. Conservem-na, renovem-na, rejuvenesçam-na, enriqueçam-na com todas as descobertas modernas, adaptem-na aos seus jovens maltratados, de um modo como Dom Bosco jamais havia visto... mas, por caridade, conservem-na. Troquem tudo, percam, se for o caso as suas casas, que importa? Mas conservem este tesouro para nós, o modo de João Bosco amar e salvar os jovens, que pulsa em milhares de corações». (*Apelo de Jean Duvallet, antigo companheiro do Abbé Pierre, aos jovens salesianos*).

JOVEM.COM

## Rádio on-line – Lucy Roces e Maria Antonia Chinello

**Uma web rádio ou a transmissão radiofônica via Internet é o modo mais simples para difundir um programa próprio: bastam poucos cliques para escutar uma rádio na web, mas sobretudo bastam pouquíssimos para criar uma própria.**

**A rádio via Web tem notáveis vantagens: chega a todos os ângulos do mundo com uma despesa irrisória, é simples para implementar e administrar.**

### O que é

*Web rádio ou rádio on-line* é o termo que designa emissoras radiofônicas que transmitem de forma digital o programa através da Internet, na rede telemática, tornando-se acessível com qualquer ferramenta que possa acessar a Rede.

Os usuários podem usar diretamente os arquivos on-line sem baixá-los previamente no seu computador. Em alguns casos, encontram-se rádios tradicionais em Rede, que transmitem em FM (modulação de frequência). Neste caso, as emissoras, ampliam o próprio raio de escuta repetindo as transmissões na linha; em outros casos trata-se de emissoras, amadoras ou não, que colocam à disposição os próprios programas para um uso exclusivo na Internet.

O MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), um dos maiores e mais importantes centros de pesquisa em nível mundial, em 2002, calculou a existência de 27 mil web rádios continuamente funcionando na web mas agora, estima-se que se tenham multiplicado. Segundo um recente estudo americano, do ano 2000 até hoje o número dos ouvintes radiofônicos via Internet cresceu mais de 240%, mas o dado tende a aumentar exponencialmente. Um ulterior estudo feito em 2005 identificou que a Geração Y (veja Revista DMA 1-2/2009) é apaixonada pela web rádio. A "Net Radio Geração" é formada por rapazes, com um status econômico médio-alto, têm de 18 a 24 anos, possuem (ou estão para conseguir) um diploma, estão em busca de música alternativa, contraposta àquela que as rádios convencionais transmitem.

A eficiência na execução de uma *web rádio* permite fornecer uma programação altamente especializada para um público de elite.

A transmissão radiofônica via Internet é o modo mais simples para difundir um programa: bastam poucos cliques para escutar uma rádio na web. Além da facilidade de realização e de gestão, uma rádio web não tem limites de espaço, como também de tempo, porquanto graças à



possibilidade de salvar os arquivos dos programas os ouvintes podem usar os seus conteúdos também em tempos diferentes.

Desde a introdução das rádios web (1995) até hoje o quadro jurídico mudou muito. De um lado, está a questão dos direitos autorais, especialmente no campo musical, do outro lado, a introdução e a difusão do formato e dos Mp3 junto com o desenvolvimento da Internet. Porém, a legislação em termos de direitos autorais não é a mesma em todas as nações. Onde há normas que preveem o pagamento de taxa, proliferam as rádios web “piratas”.

## **Economia e cobertura**

Para criar uma rádio web, a operação, ou as operações, em nível técnico, são bastante simples. A instrumentação técnica é suficientemente “democrática”, isto é, dialoga com todos os sistemas operacionais existentes: desde o Windows (Vista, XP, etc.) até o Linux.

Concretamente, para criar uma rádio web ocorre um bom PC, uma placa de som normal, um repositório de arquivos em formato Mp3, o software Winamp ou Realnetwork (é baixado gratuitamente da Rede), um microfone e um auscultador.

Uma rádio web é tal quando os arquivos são acessíveis aos navegadores da Rede. Neste caso, serve um programa *streamserver*, como *Icecast2* ou *Pirate Radio*, e um endereço IP público, mas com a ajuda de técnicos de informática a instalação é logo realizada. Se se pretende transmitir música comercial, devem-se pagar os direitos autorais ou utilizar um *provedor* como *Live 365*, por um contrato mensal.

Em nível técnico é muito fácil. Importante é cuidar da programação do palimpsesto e perguntar-se: quem são os ouvintes que queremos atingir? Quando e o que transmitir? Utilizar a “direta”, isto é, transmitir ao vivo, ou pré-gravar os conteúdos? Com quais e quantos recursos financeiros contar? Como fazer-se conhecer, fazer publicidade?

## **Pequena caixa, adeus?**

Poder-se-ia perguntar, com o advento da Internet e a convergência digital, que finalidade têm as velhas mídias: televisão e rádio, sobretudo? A Rede e a transmissão analógica estão em contraste? É preferível pensar em termos de convergência digital, de cruzamento da mídia, onde uma nova mídia não descarta a precedente, mas a reforça. O advento da Internet, de fato, não aposentou o rádio, o cinema, a televisão, a imprensa... tudo isto pode-se agora fazer em Rede com novos códigos de comunicação e com a ampliação dos recursos para a educação.

Com uma rádio web reforça-se o sinal e a visibilidade. Pelas rádios já estabelecidas, obviamente, a *on-line* representa um bom canal para a difusão dos programas, apoiando a transmissão pelo ar. À primeira vista os dois meios apresentam características de alguma forma antitéticas. A diferença fundamental refere-se em primeiro lugar ao grau de cobertura do usuário, isto é, o número de utilizadores e desfrutadores, indubitavelmente (ao menos nesta fase) é muito maior para a rádio tradicional.

Estendendo o assunto para a escala planetária, a presença em Rede assegura um aumento da possível faixa de usuários que, teoricamente, estende-se a todo o mundo conectado. Assim, um programa radiofônico em língua italiana, graças à Internet, pode facilmente chegar a superar os limites geográficos e ser ouvido (apenas com os limites da compreensão da língua) por usuários espalhados praticamente pelo mundo todo. E vice-versa.

## **RaDio for you**

A inspetoria Madre Maddalena Morano de Catânia há alguns anos administra uma web radio “RaDio for you” acessível no site: <http://www.radioforyou.pcn.net>

Ela integra diversos outros recursos e ambientes de rede: blog, web TV, *instant messenger*... ampliando assim a sua interatividade. *Radio for you* não é um rádio de entretenimento, mas um instrumento formativo para os educadores e os jovens. Quer, portanto, ser:

- Um espaço cultural para oferecer uma leitura educativa do contexto social e cultural colhendo dele o Bem, o Verdadeiro e o Belo; uma oportunidade de comunhão criando redes entre as comunidades educativas;

- Um serviço à Igreja e à sociedade criando sinergias e colocando à disposição instrumentos e competências para que o “bem” seja cada vez mais “comum”;
- Um “lugar” de encontro com quantos, mesmo pertencendo a outras confissões cristãs, compartilham a mesma fé em Jesus e o mesmo empenho para a construção de um mundo novo;
- Uma possibilidade de evangelização para quantos queiram ser testemunhas de vida e de esperança.  
Fácil, não?

[Imroces@cgfma.org](mailto:Imroces@cgfma.org) / [mac@cgfma.org](mailto:mac@cgfma.org)

### ***A outra Rede***

O VLC, mídia player da Vídeo LAN é um programa *open source* para a execução de arquivos multimídiais e permite reproduzir, codificar, e fazer o *streaming* de todos os tipos de arquivos vídeos e áudios sem precisar baixar programas que possam codificar ou decodificar um formato diferente. VLC mídia player apoia formatos de arquivos DVD e VCD e pode ser utilizado com todas as plataformas dos diferentes sistemas operacionais: Microsoft Windows, Mac Os X, Linux, BeOS... No site oficial ([www.videolan.org/vlc/](http://www.videolan.org/vlc/)) lê-se que a versão 0.8.6 (a última em circulação) tem tido cerca de 100 milhões de *download*.

VLC foi idealizado por alguns estudantes da escola francesa *École Centrale de Paris*, para publicar arquivos áudios e vídeos na Rede. Ora, VídeoLAN é um projeto mundial que envolve usuários de 20 nações.

Entre as outras funções, há a possibilidade de visualizar vídeos incompletos ou danificados; ver dvds provenientes de regiões diferentes das próprias; visualizar o decodificador via tv ao monitor do computador, graças à conexão *firewire*; na versão Windows pode-se ver um vídeo como fundo do desktop com o programa *Windows DreamScene*. Mas a função mais útil é a possibilidade de converter os arquivos multimídiais em diversos formatos. Além disso, caso se tenha um PC que não permita uma correta e/ou melhor visualização dos vídeos *YouTube*, é possível copiar o link do filme... e o *player* mostrará o vídeo original de modo aceitável. E então... boa visão!

ESTANTE SITES – por Anna Mariani - [comunicazione@fmairo.net](mailto:comunicazione@fmairo.net)

## **Resenha de sites interessantes**

<http://www.villaggiomondiale.it> - Neste site, Amadeo Lomonaco apresenta a aldeia global que conheceu através de imagens, livros e viagens. Navegando entre recordações e textos, como os realizados pela Rádio Vaticana tem-se a possibilidade de conhecer um mundo cheio de obstáculos mas também de desafios que não se podem perder. O site é rico de imagens, poesias, histórias, notícias e links que permitem uma viagem em torno do mundo. É realizado em diversas línguas: italiano, francês, inglês, espanhol, alemão, russo, árabe, chinês.

Ele tem muitas sessões entre as quais: o mundo em um clique, estados e territórios do mundo <http://www.villaggiomondiale.it/statidelmondo.htm>. Nesta sessão podem-se encontrar links de governos, sites institucionais de Estados e territórios do mundo. À esquerda, na maior parte dos boletins dos Estados, são propostos links de jornais, cotidianos e revistas. Para



encontrar o formulário do País ou do território, selecionar e clicar sobre o nome em uma das cinco sessões: Europa – Oceania – África – América – Ásia.

<http://europa.eu/youth> - É um portal para os jovens europeus. Publicado em 24 línguas, oferece aos jovens do continente europeu a possibilidade de manter-se informado a respeito do mundo do trabalho e da escola. As informações são muitas e atualizadas. Além disso, há uma sessão dedicada aos direitos dos jovens e uma outra ao voluntariado na própria nação ou no exterior. Um espaço é dedicado também à formação e participação para uma cidadania ativa e fornece além disso um elenco de portais dedicados aos jovens. É útil aos educadores para conhecer melhor as regras do intercâmbio cultural no continente europeu.

<http://www.muticom.org/> - É o site que preparou e seguiu o evento “*Mutirão de Comunicação*” para a América Latina e Caribe e oferece muito material e notícias sobre o tema da comunicação. Está em quatro línguas: português, inglês, espanhol e francês e possibilita rever em vídeo algumas sínteses das contribuições oferecidas pelos diversos relatórios no convênio.

---

VÍDEO – *Mariolina Parenteler*

## **A Onda** (Die Welle) - de *Dennis Gansel* – Alemanha 2009

«O filme trata de uma inquietante demonstração de fascismo, em sala de aula». Inspira-se numa experiência escolar empreendida em tempo real por um professor de história, Ron Jones, no Cubberley High School de Palo Alto, na Califórnia, em 1967, da qual resultou o best-seller “*The Wave*” de Morton Ruhe sobre o qual baseou-se o filme ambientado em uma escola média superior da Alemanha de hoje. A pergunta que o professor – muito aberto às inovações didáticas mais envolventes – dirige aos estudantes, é o ponto de partida para o desenrolar da experiência que se revelará ‘revolucionária’: «É ainda possível uma nova ditadura em nossa pátria?». A verdade é – responde o diretor – que ninguém está imune da perversa atração exercida pelo totalitarismo, com a sua pretensão de ordem, de unidade, de disciplina em que todos se unem em vista de um projeto maior, que se eleva acima dos que não participam, dos que são diferentes, dos que são inimigos. «Foi totalmente oportuno» para fazer-nos refletir sobre as consequências de uma hipotética ou nostálgica expansão ditatorial.

Além de ser tentativa metafórica, torna-se olhar luminoso sobre uma realidade que, agora mais que nunca, nos toca de perto: a obsessão pelo diferente e a prepotência do mais forte. A exaltação por sentir-se poderosos. Melhores. Invencíveis...

A Onda reúne em si um valor ético e um empenho civil.

O filme fala de nós, do que fomos e do que, não obstante os erros e mais erros da História, podemos chegar a ser enquanto alguém, tragicamente, já o é.

Ver para compreender, como escreve Erri De Luca, que “é preciso erradicar do peito, da vida, a vontade de tomar o poder, se não se recomeça”...

### ***Uma nova autarquia***

Alemanha, hoje. Durante a semana cultural, o professor do liceu Rainer Wenger (Vogel) para melhor explicar os mecanismos e os riscos da autocracia ou totalitarismo, incentiva os seus alunos a promover e viver uma simulação. O seminário, porém, toma uma direção imprevista e tem início um jogo de papéis com trágicas consequências. No giro de poucos dias, aquilo que havia começado como uma eficaz mas inócua ilustração de conceitos transforma-se num verdadeiro ‘movimento’, denominado: THE WAVE (A Onda). Começa estabelecendo deveres e papéis, escolhendo um nome – a Onda, de fato, forte e explosivo – e, gradualmente criando um símbolo, uma divisa, a página no MySpace... uma saudação em código e a publicidade, prolixa e intrusa até a temeridade. O entusiasmo cresce: os meninos começam a sentir-se parte de um conjunto estruturado, de um microcosmo que, porquanto inventado por apenas alguns dias, pertence somente a eles: impõe conhecer o sinal convencional e aderir às normas de comportamento. No terceiro dia, os estudantes começam a se afastar e a ameaçar os outros: os que não aderem, os contrários. Até que, no final, o conflito explode em toda a sua violência durante uma partida de pólo na escola, e o professor decide interromper a experiência. Mas já é muito tarde, a Onda fugiu ao seu controle...

O lance para reconstituir a turma foi longo e difícil, com quase um ano de ensaios para encontrar os alunos da mesma classe. Muito cuidado foi dispensado à fotografia, que dá uma forte sensação de realismo; o mesmo Ron Jones, depois de ter visto os primeiros pedaços do filme, disse: “Tive a sensação de estar também eu dentro daquela classe, de fazer parte dela, em vez de observá-la de fora”. Nascido quase como um jogo, a experiência de autocracia cresce por si mesma como uma avalanche, enquanto uma coluna sonora que exibe música rock acompanha a escalada do fanatismo. “Uma experiência que não farei mais” diz hoje Jones. “Enveredei por um lado primordial da psique humana que seria útil conhecer”. Como salientou o filme e a qualidade do desempenho brilhante dos jovens atores, desde o exaltado e problemático Tim até a tenaz e autônoma Karo, a ditadura encontra terreno para crescer entre insatisfações, medos, inconveniências. E, entre os motivos que segundo os jovens concorrem para a afirmação de um regime ditatorial, destacam-se as crises econômicas e o aumento do desemprego, o sentimento de insegurança tanto no presente como para o futuro, a desconfiança diante do diferente, do estrangeiro ou de uma outra fé, a decepção com a classe política.

O diretor coloca com decisão as mãos numa matéria candente. Ele a expõe sem filtros nem artificios didáticos num tempo – o nosso – em que, todos exaltam a democracia mas diante de perigos e problemas exigem medidas drásticas dos governos mais autoritários.

Obra coerente que deve ser valorizada. Ótima a encenação e boa direção, um grande sucesso cinematográfico em casa, com vários reconhecimentos nos festivais, entre os quais, também em Turim, o Prêmio “Convite da escola Holden”.

**Para pensar: SOBRE A IDEIA DO FILME – *Explicar como funciona um governo totalitário e como foi possível o nazismo propor – primeiro aos alunos e depois, na tela grande – uma experiência singular, capaz de fazer-nos afinar os ouvidos relativamente ao tempo presente.***

A experiência de Jones e o filme de Gansel – na sua eficaz e inquietante narração – demonstram que negar este antigo impulso que existe no homem, de subjugar outros homens, mesmo se gerado por propósitos que se queiram vender e ver como positivos, pode ser tranquilizador, mas é profundamente errado e ainda mais perigoso, porque nos torna incapazes de reconhecer o problema mesmo se o temos sob os olhos. A Onda obteve grande ênfase na imprensa alemã não somente por ter demonstrado inequivocamente que a sociedade atual está bem longe de ter rejeitado os dogmas fundamentais da ditadura, mas que, ao contrário, está convencida a submeter-se a ela de modo fácil e banal. Prova disso é que, se são poucos os jovens “dissidentes” que abandonam a experiência, um número muito maior quer entrar para fazer parte. Reconhecem nela a possibilidade de pertencer a um grupo, adquirindo assim uma força nova e a capacidade de se fazer valer para alguma coisa, de fazer ouvir a própria voz. Mesmo que fosse somente graças a um punhado de adesivos e de algum spray com os quais encher a cidade com o próprio símbolo.

**SOBRE O SONHO DO FILME – *Envolver para conscientizar e acompanhar para se perguntar: «Estaremos também nós prontos para nos tornar “A Onda” para ter uma função, para saber a quem obedecer e a quem deixar de lado, para sentir-nos defensores de alguma coisa?***

*O filme de Gansel desafia cada espectador a perguntar-se (tanto a respeito da experiência na sala de aula quanto ao nazismo): “Eu, o que teria feito ou o que farei?” Ele é capaz de inquietar para fazer perceber que a pergunta questiona cada pessoa individualmente. Que esta obra deve ser promovida, ser vista, até mesmo pelos professores, educadores e estudantes, como uma ocasião propícia à discussão. A Onda tem os seus efeitos e, como uma anomalia subversão da energia terrestre, pode oprimir e destruir o mais banal sentimento humano para dar lugar à cega estupidez da opressão.*

---

**ESTANTE VÍDEOS - por Mariolina Parentaler**

**Austrália** – BAZ LUHRMANN – Austrália / Estados Unidos, 2008

Uma obra polêmica que se explica melhor em uma citação do autor: “(...) Quando nasceram os filhos, eu e minha mulher sentimos a exigência de recuperar as nossas raízes, e assim voltamos à Austrália, nossa terra. Ali, veio-me a ideia de realizar um ‘e o vento levou’ australiano”. O filme flui envolvente, do ponto de vista pastoral é avaliado como aconselhável e no seu conjunto, poético. Assim se expressa a imprensa: «se o que vocês estão buscando é uma história capaz de transportá-los a outros mundos, suspender o trabalho mental para deixar espaço ao sonho e comover-se para que “Amor, dedicação e coragem” triunfem sempre,

até a despeito da verossimilhança histórica, então não poderiam deixar de entusiasmar-se com o épico ato de amor de Luhrmann pela sua terra, verdadeira co-protagonista do filme. Passa-se em 1939. A nobre mulher Sarah Ashley (Nicole Kidman) abandona a Inglaterra e desembarca na Austrália, decidida a levar para casa o marido, um criador de gado provavelmente infiel, e forçá-lo a vender a propriedade da família, em ruínas. À sua chegada, porém, descobre que ele fora assassinado, deixando-lhe como herança um rebanho de 1.500 vacas que deviam ser levadas a Darwin, para prover o exército australiano. Seduzida pelas cores daquela terra ainda não contaminada e afeiçoada ao garoto mestiço de doze anos, Nullah, há pouco tempo órfão de mãe, Sarah decide levar avante a obra do marido e desafiar o monopólio do comércio da carne retido pelo desonesto King Carney. Em sua expansão a história vive de sugestões profundas, tratadas com pudor, porque – como se repete no filme – «a lição mais importante é contar histórias». Passam-se amor, ação, aventura, drama, comédia, sorriso e pranto. Em particular é enfrentado o tema do racismo perante os aborígenes, a importância da tradição oral na cultura humana e, sobretudo, o flagelo das chamadas “gerações roubadas”: os filhos nascidos de uniões de brancos com aborígenes. O objetivo, diz o diretor, é também divulgar aos espectadores menos informados esta página dolorosa da nossa história.

## **O menino de pijama listrado** – *MARK HERMAN* – *Grã Bretanha, USA, 2008*

O título alude a um pequeno hebreu internado (Jack Scanton) num campo de concentração. Dirigido e encenado pelo inglês Mark Herman, é a adaptação para a tela do homônimo best-seller do dublinense John Boyne. «É inútil dizer quão útil possa ser um filme assim – escreve a crítica – além dos seus honestos valores cinematográficos e do bom tom narrativo que evita um estilo rasga-coração para penetrar num mistério ainda maior, insondável e doloroso». Suspenso no tempo e rodado em inglês, apesar de serem alemães todos os personagens, ‘*o menino de pijama listrado*’ põe a Shoah à altura do olhar infantil apenas com úteis legendas. Escava-se na raiz da humanidade. No centro está um garoto de oito anos, Bruno, filho de um oficial nazista que depois de uma promoção, transfere-se com a família para perto de um campo de concentração devido a encargos de trabalho. Confinado numa vila protegida por militares o pequeno se aborrece, enquanto não descobre nos arredores a existência de uma espécie de fazenda, povoada por pessoas que vestem curiosos pijamas listrados; na realidade, um campo de extermínio. Sem intuir a monstruosidade que está por trás do fio de arame que descobre explorando o território no quintal da casa, o garoto entrevê Samuel – um coetâneo hebreu prisioneiro – com o qual logo faz uma sólida amizade. Se o garotinho hebreu esconde para si mesmo uma parte da verdade, Bruno não chega nem mesmo a concebê-la: tudo para ele é um estranho jogo que se torna fatal quando decide entrar no campo de concentração criando uma passagem sob o tapume. Embora o filme seja articulado num aumento progressivo do “campo” (visual) de realidades que a família quer esconder dele, a ingenuidade e a inocência de Bruno não aparecem excessivas nem absurdas. Sua autenticidade envolvente consegue estabelecer uma boa identificação com o espectador menor e comunicar em toda profundidade um dos temas do filme: «A amizade é capaz de unir o que as barreiras dividem».

---

## **ESTANTE LIVROS** – *por Adriana Nepi*

### **Um palestino leva a cruz** – *Adriana Nepi e Gerjes Sa'ed Koury - EMI 2009*

Já faz algum tempo que ouvimos falar da tensão entre israelenses e palestinos, das tentativas falidas para resolver um problema que parece humanamente insolúvel. As informações, porém, são aproximativas e superficiais. A comunicação de massa, como sempre, faz referências através de filtros ideológicos pouco fidedignos. O livro que apresentamos trata, por assim dizer, do envolvimento direto com uma situação real. O autor é um árabe cristão, sacerdote da igreja grego-católica.

As argumentações, lúcidas e oportunas, têm como pano de fundo todo o cruzamento de lembranças pessoais, de episódios vividos e sofridos. Não há nenhum sinal de ódio ou de rancor, nesta reivindicação de direitos de um povo duramente maltratado, entra-se simplesmente no coração de uma história que exigiria talvez de todos, um conhecimento mais aprofundado e objetivo.

### **Compreender e viver a Missa** – *Enrico Masseroni – Ed. Paulinas 2009*

O livro propõe um novo modo de “meditar” a Missa: reconstituir os momentos singulares do seu desdobramento litúrgico em paralelo com textos do Antigo e Novo Testamento. Mobiliza-se a partir daquele misterioso encontro de Moisés com a chama ardente na qual foi-lhe concedido ouvir a voz de Deus.

O mistério eucarístico é para nós a chama que arde sem se consumir no deserto do mundo, através da qual Deus se revela ao homem e o homem se encontra intimamente com Deus. O evento do Sinai é contemplado como numa exemplar lectio divina que nos acompanha desde a soleira da ação litúrgica colhendo dela sugestivas correspondências eucarísticas. Por exemplo, Moisés é convidado a tirar as sandálias porque pisa a terra santa, assim também é rezado na Missa o *Kyrie eleison* para que se adentre a ação sagrada purificados pelo perdão.

Anna Maria Canopi conclui a apresentação deste denso volume, assim: “Este livro, no qual o autor aprofundou o seu coração de bispo... será uma pastagem nutritiva para cada cristão desejoso de crescer na fé e no amor até a plena configuração a Cristo”.

## **Relancemos a esperança** – *Giuseppe Morotti – EMI 2009*

Hoje, sobretudo devido ao fenômeno da imigração, faz-se sempre mais urgente um diálogo construtivo e leal entre os que professam religiões diferentes, em particular com o Islã. Mas, como pode haver diálogo sem o conhecimento recíproco e sem uma real atenção mútua? Na Itália, especialmente, a atitude para com o mundo Islâmico está com frequência associada à idéia de terrorismo, de medo da expropriação cultural, de insegurança, de presumida ameaça de concorrência no trabalho. O autor viveu uma década no Irã, no limite com o Iraque, de 1978 até 1988, entre os Irmãozinhos de Charles de Foucauld. É conhecedor do teor de vida, da cultura, dos problemas do mundo árabe muçulmano. O confronto que propõe não parte de discussões teóricas sobre a religião e sobre a fé, mas do encontro de humanidades comuns. A amizade e a confiança estão na base de toda possibilidade de integração.

Depois do relato de algumas experiências vividas que abrem verdadeiramente à esperança, a segunda parte do livro é dedicada a um confronto aprofundado da mística cristã e da mística muçulmana. Páginas muito bonitas, em que se descobre como o encontro verdadeiro e profundo com Deus supera toda barreira e conduz a uma autêntica comunhão.

---

## **O LIVRO - por Adriana Nepi**

### **A fadiga da luz** – *Gabriella Camarone*

A autora trabalha há vários anos com a transmissão da cultura religiosa na Rádio Três “Homens e profetas” e dirige a homônima coleção, na Morcelliana.

A idéia da tensão entre as trevas e a luz (donde o singular título do livro) é exatamente a chave de leitura. Comunica reflexões que pairam sobre todos os horizontes do viver e do pensar. Nada de sistemático nem de irrefutável. Um questionamento aberto e livre, com a convicção de que “nas questões de Deus como também nas dos seres humanos, ocorre dizer toda a verdade de que se é capaz, sabendo, ao mesmo tempo, que toda verdade nossa será sempre parcial, instável, opinável... E que um bom antídoto contra a idolatria (mesmo a dos nossos pensamentos) da preguiça mental, da desvirtuação da idéia de Deus, é deixar talvez que as nossas perguntas fiquem sem resposta...”. A autora coloca-se no limite de uma soleira, a que oferece uma abertura entre a intimidade caseira das próprias seguranças e o mundo das alteridades, com seus riscos e suas promessas, para escutar todas as vozes num discernimento ao mesmo tempo humilde e corajoso.

Para começar, no mundo há ateus e crentes... Por que não colocar em confronto, sem preconceitos, as perguntas que eles se fazem reciprocamente? Por que a fé? Como falar de Deus depois dos horrores dos campos de extermínio? Por que, se é o Deus que salva, não intervém agora, imediatamente? Por que deixa morrer uma criança na explosão de uma bomba? Por que não livra das injustiças, da doença, das catástrofes? A fé cristã não pode senão sair purificada e aprofundada de um diálogo honesto e sincero.

Prosseguindo na leitura, tem-se a impressão de ter entrado em uma roda confiável de amigos para conversar sobre as realidades cotidianas e ao mesmo tempo misteriosas da nossa aventura humana. Não é uma fala argumentativa, mas uma investigação atenta, usando também grandes autores do pensamento, da poesia, da fé e, mais frequentemente, da Escritura. Ao arriscar uma afirmação, volta a ela, corrige-a ou a completa, seguindo sem reticências o desmancho imediato do nó da reflexão e dando a sensação da

inesgotável complexidade do real. Escuta, principalmente, e interroga. “O que deve dizer, e como dizer a palavra? Ela pode sempre ser mansa, não agressiva, não violenta, cheia de ternura, como gostaríamos que fossem as palavras dos outros dirigidas a nós? Ou deverá ser talvez armada, dura, destruidora?... Pelo que diz respeito à linguagem religiosa, que credibilidade poderá ter uma palavra que exclui em vez de acolher, que julga em vez de perdoar, que condena em vez de compreender?... E, todavia, não ocorrerá talvez, para ‘romper os muros do silêncio, derrubar as barreiras da cumplicidade tácita, secar os mares da injustiça’, tornar até mesmo brutal a própria voz?...”. Na Bíblia depara-se frequentemente com uma linguagem violenta, cruel, colocada até mesmo nos lábios de Deus: um Deus que gostaríamos fosse sempre terno e misericordioso mas que, se não dissesse palavras que nos soam quase intoleráveis, não nos faria escutar a nós que somos “tão duros de escuta”, onde está o mal e quais são suas terríveis consequências.

Jesus, que se entregou a nós como modelo de humildade e de mansidão, não hesitou em pronunciar palavras duras de reprovação, mas nos colocou vigilantes contra o possível efeito “homicida” da palavra, “Tendes ouvido ‘Não matar’, mas eu vos digo...”. O critério último, também nisto, é o equilíbrio de um discernimento responsável.

O tema da linguagem, que ocupa muitas páginas do livro, tem como contraponto o do silêncio: não o silêncio vazio que é ausência de vida, mas o silêncio necessário e fecundo, que pode alcançar a plena realização da palavra. É deste silêncio que se nutre a oração. “No final de cada oração que pede, invoca, interroga, grita ou exulta, não está, no fundo, a renúncia a dizer e a disposição a acolher? Não é a isto que chamamos conversão?” Quando a oração é autêntica, quando brota do profundo, revela a *verdade* do ser que a pronuncia. Como faz a poesia autêntica que, com frequência, é oração, mesmo se inconscientemente.

E eis que é colocado como tema um outro argumento: não há uma secreta afinidade entre a oração e a poesia? Não nasce a palavra do poeta, assim como a do orante, de uma inspiração interior brotada do silêncio?

Seria muito demorado percorrer mesmo que sumariamente todos os temas desta pacata meditação leiga: o tema da morte, não por acaso, estritamente ligado ao tema da vida; o significado não só escatológico da Ressurreição, que ilumina de per si cada momento do nosso cotidiano e dá sentido ao nosso viver nesta terra como ao nosso morrer; e ainda sobre a consciência e a liberdade, experimentada esta última não como um estado mas como um devir para um fim nunca plenamente alcançado: liberdade que é progressiva libertação, liberdade que não basta encontra os seus limites na liberdade dos outros, mas deve estender-se para ser liberdade aos outros. E enfim as páginas sobre a esperança, a virtude “menina” de Péguy, a esperança sempre jovem, que resiste ao vazio do desespero, ao silêncio mesmo de Deus, às suas aparentes derrotas. Por que a luz não resplende com ofuscante evidência? Talvez isto faça parte, por assim dizer, da estratégia de Deus, como se a verdade exigisse uma certa reserva, uma certa privacidade? ou ao contrário significa que ao fazer-se carne semelhante à nossa o Filho de Deus, luz que as trevas não acolheram, tenha vindo para partilhar conosco a “fadiga da luz” e para tornar-nos, através desta luta, verdadeiramente livres?

---

**Eu lhes recomendo apenas que não  
deixem que se extinga o fervor que o Senhor  
lhes acendeu no coração, e  
pensem que uma só coisa é necessária,  
salvar a alma.**

***(Madre Mazzarello)***

## É tempo de reavivar o fogo

Acabo de regressar dos Exercícios Espirituais. A cada ano faço uma experiência nova e apesar da idade, encontro sempre alguma coisa para fazer e melhorar em mim. Depois dos Exercícios sinto-me rejuvenescida. Tenho ainda muita estrada pela frente, e me digo: "O Senhor me dará tempo para colocar no lugar aquilo que falta".

Talvez seja por isso que o nosso Instituto tem um alto percentual de longevidade. Nas inspetorias do mundo há muitíssimas irmãs com mais de noventa anos e muitas centenárias. O Senhor portanto nos quer bem e nos dá muitas oportunidades de conversão! Porém disse-me também que, se eu sou "um caso particular" a maioria das minhas irmãs é muito melhor e muito mais santa que eu e então por que ficar assim longe do paraíso por tanto tempo?

Bem, a resposta que me dei foi esta: "Devem testemunhar que é possível permanecer fieis também por longos anos". Com os nossos anos acumulados, dizemos às FMA jovens que aquele "por toda vida" que se pronuncia durante a profissão perpétua, é uma promessa que se pode manter. Se nós conseguimos?!

Saibamos pois que em nossa relação com o Senhor ele coloca 99% e deixa para nós 1% para que a obra seja completa e perfeita.

Pode-se perceber que acabo de regressar dos Exercícios! Estou toda fervorosa! Contudo, para não contradizer a minha natureza de resmungona, devo dizer que se faz um esforço enorme para as irmãs ficarem em silêncio. Deveríamos ser mestras de contemplação, no entanto os nossos pensamentos, frequentemente, são mais levados a julgar do que a elogiar: "aqui nós comemos muito bem, mais do que em casa...", "estou num quarto muito barulhento e quente" "não podiam dar-me um quarto com um banheiro mais equipado?", "percebeu a obediência de Ir. Fulana... e a de Ir. Sicrana?"... "este ano muda a minha inspetora... e também a minha diretora, quem sabe o que me espera"...

Trechos de conversas que deixo para vocês julgarem.

Também porque, não quero trair os meus bons propósitos, a paciência do Senhor poderia ter um limite! Quero ao invés concluir de maneira positiva, dizendo que ao reavivar o fogo descubro que sou uma FMA feliz... resmungona mas feliz.

Sim. Sou uma fma feliz, que não obstante os achaques, não obstante as contradições em mim e em minhas irmãs, sou feliz. Sim porque a felicidade é de quem a busca, com coração simples e olhar límpido.

### NO PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ: *Cenáculo aberto* Os caminhos da evangelização  
PRIMEIRO PLANO: *Fio de Ariadne* Quando não se pode calar  
EM BUSCA: *Pastoralmente* A busca da espiritualidade  
COMUNICAÇÃO: *Jovem.com* Seitas virtuais